

A VILLA ROMANA DE FREIRIA E O SEU ENQUADRAMENTO RURAL

José D'Encarnação
Universidade de Coimbra
Guilherme Cardoso
Associação Cultural de Cascais

Pretendemos com esta comunicação dar sucinta conta da nossa experiência tanto no âmbito da prospecção como no da escavação propriamente dita.

Trabalhamos, de facto, há bastantes anos no concelho de Cascais, conhecemos bastante bem o seu território e pareceu-nos útil, por isso, partilharmos as conclusões a que já lográmos chegar.

Podemos dizer que a área hoje pertencente ao concelho se distribui por duas zonas distintas tanto do ponto de vista orográfico como do da fertilidade do solo: a metade nascente vem no seguimento dos excelentes terrenos de cultivo, de qualidade A, do vizinho concelho de Deiras, bem adaptados às culturas cerealíferas; a metade poente estende-se por uma sucessão de colinas onde os terrenos de cultura alternam com encostas revestidas de mato¹ cujo elemento dominante é, sem dúvida, o carrasco.

A fertilidade do solo constitui, por isso, característica saliente.

Para além disso, é inegável a situação estratégica que todo o território sempre deteve como sentinela do estuário do Tejo².

Finalmente, a proximidade de *Olisipo* porto de mar, grande centro de comércio e de consumo³ desempenhou hoy também papel relevante no desenvolvimento local.

1. Sobre o revestimento vegetal da região, cf. Vasconcelos 1964 e Sequeira 1989; para os aspectos geológicos, Zbyszeuski 1964 e Real 1989.

2. Estamos a recordar o que o próprio Luís Mendes de Vasconcelos eloquentemente proclamou nos seus *Diálogos do Sítio de Lisboa*: ver, a este propósito, por exemplo, Encarnação 1969 e 1987.

3. Sobre o papel marítimo de Olisipo, cf., por exemplo, Vasco Mantas, «Notas acerca de três inscrições de Olisipo», *Conimbriga* 15, 1976, 151-169.

E apenas por uma necessidade metodológica que nos circunscrevemos ao território do actual município de Cascais; na verdade, o panorama que vamos traçar poderá aplicar-se *mutatis mutandis* aos vizinhos territórios de Sintra, como podemos depreender dos estudos já efectuados por José Cardim Ribeiro (vide nota 7), e de Oeiras.

Comerçaremos por traçar um panorama da distribuição das *villae* no espaço considerado para nos demorarmos depois na análise espacial da *villa* de Freiria.

1. O PANORAMA DA DISTRIBUIÇÃO DAS *VILLAE*

Uma simples observação do mapa que apresentamos vai permitir-nos dizer que apenas três dos sítios assinalados —Cascais Alapraia e Espigão das Ruivas— se situam a uma altitude inferior a 50 metros do nível do mar. Na realidade, a maioria (oito) tem uma cota entre os 50 e os 100 metros e só quatro (Miroiços da Malveira, Casal do Clérigo, Outeiro e Alto do Cidreira) excedem a cota dos 100 metros de altitude. Ou seja, as médias altitudes são as preferidas, as plataformas planálticas sobranceiras ao território envolvente, designadamente encostadas a ribeiras, tal como preceitua Columela (1, 4, 10): numa eminência de terreno, a meia-encosta.

Por otro lado, se apicarmos a teoria dos polígonos de Thiessen, verificamos que a média da distância entre *as villae* consideradas se situa a cerca de uma milha. Há un mínimo de meia milha e un máximo de duas milhas.

Essa distribuição tem a ver —obviamente— com as condições agrícolas do solo, mormente com a presença de cursos de água ou de mananciais abundantes. Vemo-lo, por exemplo, nos Casais Velhos a que a água chegava da colina vizinha por meio dum aqueduto ainda hoje visível no terreno; conhecemo-lo, através da tradição, em relação ao Alto do Cidreira; está sobejamente documentado em relação a Freiria.

O segundo factor a ter em conta foi, sem dúvida, a salubridade, de acordo, aliás, con os preceitos de Columela (1, 5, 6): a *villa* deve estar longe do mar, porque o ar do mar não é saudável. Arejado, protanto, longe dos maus humores⁴...

Não nos repugna, ainda, apontar como terceiro factor as eventuais necessidades de defesa e vigilância. Duma *villa* acabam por avistar-se mais duas ou três, o que permitiria uma comunicação rápida por sinais em caso de um qualquer ataque matirimo. Nesse aspecto, a *villa* do Alto do Cidreira goza de uma posição verdadeiramente privilegiada, pois dela se abarca facilmente todo o estuário do Tejo e praticamente toda a costa até ás faldas da Serra de Sintra. Casais Velhos, por seu turno, poderia vigiar todo o areal da (actual) praia do Guincho. E se recordarmos que, afinal, como é sabido, os ataques por via marítima não eram tão raros como à primeira vista se poderia pensar, tal vez de facto, este último aspecto, o defensivo, não tenha sido então despiciendo.

2. OS SÍTIOS DA OCUPAÇÃO ROMANA

Posto isto, cumpre-nos delinear dois ou três dos traços gerais que caracterizam alguns dos sítios da ocupação romana em Cascais.

Começemos de poente para nascente.

4. Cf. a este propósito, Hentz 1980, mormente pp. 153-156. Ver também Croisille 1978, 833-839 (onde analisa o livro X de Columela).

Espigão das Ruivas

O Espigão das Ruivas está sobranceiro ao mar, onde mergulham as faldas da Serra de Sintra.

A superfície desse penedo, hoje —por força da erosão eólica, pluvial e marítima— destacado da encosta, identificámos, em recente campanha de sondagens arqueológicas, suficientes vestígios duma ocupação que procede dos tempos pré-históricos e se prolonga pela época romana.

A escassez dos materiais e das estruturas identificáveis impede-nos de garantir qual o tipo de assentamento ali existente. A possibilidade de ali se ter edificado o celebrado templo ao Sol e à Lua permanece, assim, por demonstrar, mas a remota tradição que anda ligada ao local bem como a designação de Porto Touro, dada ao pequeníssimo porto de abrigo que lhe fica adjacente, decerto são fundamento da su amuito antiga importância (Cardoso 1991, 20).

Na vila de Cascais

Na vila de Cascais, em pleno centro urbano, apenas se haviam encontrado até 1992 materiais avulsos cuja proveniência exacta se desconhecia. Aliás, sendo a vila um porto de mar, sito na desembocadura da Ribeira das Vinhas, fácil era supor que boa parte desses materiais proviesse de passagens ocasionais da população. Constituiu, por isso, uma agradável surpresa a descoberta, no sítio do castelo, de tanques de salga e de um capitel, o que indicia uma ocupação do local com finalidades «industriais» e também habitacionais⁵.

Poder-se-ia pensar que estas duas primeiras referências não vinham agora a propósito, pois que é meio rural que nos ocupa. Sucede, porém, que persistem nas *villae* elementos que nos autorizam a pensar numa complementariedade económica: se, por um lado, a exploração agropecuária se tornou preponderante, por outro, a pesca e a apanha de moluscos, com objectivos alimentares ou industriais, nunca deixaram de existir. Em Casais Velhos, de que falaremos a seguir, identificou-se inusitada quantidade de conchas de múrex; as sondagens do Alto do Cidreira forneceram um anzol de bronze; um dos pavimentos da *pars rustica* de Freiria era constituído essencialmente por conchas dos mais variados moluscos, num hábil aproveitamento destes resíduos como aglutinante calcário. Por outro lado, em todas as *villae* se identificaram, como, de resto, é normal, inúmeras conchas de ostras.

Casais Velhos

Casais Velhos é um sítio cujas características exactas ainda estão por definir, porquanto a estação apenas foi alvo de intervenções pontuais sem que se visse oportunidade —mormente, por razões de protecção— de, por enquanto, se proceder à sua escavação integral.

5. Cf. a reportagem feita pelo jornal *Público* (edição de Lisboa), de 3 de novembro de 1992 (p. 54) e a nota, da autoria de Guilherme Cardoso, inserida no n.º 1 (II série), Dezembro 1992, da revista *al-madan* (p. 95), sob o título «Cetárias colocadas a descoberto em Cascais». «Esta descoberta —escreve G. Cardoso— coloca para já em evidência a utilização de Cascais como zona produtora de salga de peixe, na época romana, e a existência de uma comunidade fixa que até ao moento era impossível de confirmar através dos poucos vestígios, encontrados até então, desse período».

Conhece-se o traçado do aqueduto que abastecia o povoado (hesitamos em chamar-lhe *villa*); foram identificados um grande tanque (*natatio?*), a zona termal e um lagar. Mas a possibilidade de estarmos perante uma área de finalidades «industriais» colhe argumentação favorável da existência, em exíguos compartimentos, de pequenas tinas revestidas a *opus signinum* e dotadas de um sistema de tapamento hermético. Tais características apontam para estes recipientes uma função de «cozimento» de algo sob pressão, sem perda de energia nem emissão de vapores. O facto, a que já nos referimos, de se ter encontrado, numa lixeira sita indubitavelmente em níveis romanos, grande quantidade de conchas de múrex levou Veiga Ferreira e D. Antonio Castelo Branco a aventarem a hipótese de estarmos perante uma *purpuretica*. A hipótese é aliciante, poderá ser confirmada com as descobertas por fazer quando houver condições para se proceder de novo a trabalhos arqueológicos sistemáticos no local.

Convém, além disso, não esquecer dois outros pequenos argumentos que poderão militar a favor desta proposta.

Todo o vale a que, para sul, o povoado fica sobranceiro, se abre em direcção ao mar. Era, em tempos não muito remotos, o leito de um curso de água; mais adiante, uma nascente de água abastecia, até há quatro décadas atrás, a vizinha povoação da Areia, cujos habitantes, de resto, ali se deslocavam, inclusive, para lavar roupa. E esse era, também, o seu normal percurso até à costa, aonde iam pescar e apanhar marisco.

Por outro lado, deve ter-se em consideração que a maior parte da vegetação natural do concelho de Cascais, nomeadamente na zona em que se localizam os Casais Velhos, é constituída, com já dissemos, por carrascais, onde predomina o carrasco, ou seja, a *quercus coccifera* (Vasconellos 1964, 10). O seu nome deriva, como é sabido, de ser o hábitat privilegiado do *coccum*, a grã, espécie de cochonilha a que já Plínio-o-Antigo se referiu, na sua *Naturalis Historia* (9.141), sublinhando: «circa Emeritam in Lusitania in maxima laude est». Não terá sido apenas nas proximidades de Mérida, mas também nesta zona ocidental da chamada península de Lisboa. A fêmea deste insecto hemíptero —vulgarmente designado pulgão— instala-se nas folhas do carrasco e aí forma, para sua protecção, o quermes, uma excrescência vermelha e redonda que, submetida a processos de infusão, origina um líquido escarlate próprio para tinturaria. Múrex a grã poderão ter sido, pois, em Casais Velhos, as matérias-primas duma «indústria» tintureira cuja elevada procura, ao tempo dos Romanos, não carece demonstração. A existência dessa actividade —cujos incómodos odores hoje não hesitaríamos em classificar de poluentes— justificaria também a relativa pequena extensão do povoado e, também, a sua localização num sítio arejado.

Alto do Cidreira

Procedemos a algumas sondagens aqui, a fim de nos apercebermos da sua real importância e da oportunidade (ou não) de zelarmos pela sua preservação. Os resultados obtidos, designadamente em termos de espólio, foram surpreen-

A fim de evitar a multiplicação de notas, omitem-se as referências bibliográficas sobre cada um dos sítios, remetendo para o livro de Guilherme Cardoso, *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*, Cascais, 1991, onde ela vem devidamente explicitada e é facilmente identificável. O autor retoma aí —e completa— toda a bibliografia sobre a época romana no concelho de Cascais que inseríamos em Cardoso & Encarnação 1990, 14-16.

dentes e, por isso, o sítio foi oficialmente classificado, aguardando-se apenas uma decisão do município local para se avançarem medidas concretas de valorização.

Trata-se, sem dúvida, de uma *villa* de que identificámos parte da *domus* senhorial —quicá o piso térreo— que teria sido pavimentada a mosaico policromo; e a zona termal, de reduzidas dimensões. Na encosta meridional (Bom Sucesso) tinham sido vistos, nos princípios do século, tanques que, pelas descrições que deles nos deixaram, se nos afiguram comparáveis aos dos Casais Velhos, pelo que uma função idêntica não será, porventura, hipotese a menosprezar.

Do espólio exumado, permita-se-nos que destaquemos os utensílios ligados à tecelagem (Nolen 1988, 67-68): uma tabuinha de tecelagem, um separador de tear decorado geometricamente e diversos fragmentos de agulhas. E, pelo seu carácter singular, a minimáscara de terracota (22 x 24 mm.) representando um negro.

Moroços

Existem, no actual concelho de Cascais, pelo menos dois microtopónimos com esta disgnção, que significa «amontoado de pedras». Não admira, por isso, que ambos coincidam com a presença de *villae* romanas: os morouços (ou «miroços» na linguagem popular) resultam precisamente do amontoar, ao longo dos tempos, das pedras que, por via dos trabalhos agrícolas, o arado ou a charrua vão arrancando aos muros romanos subjacentes.

Do Moroços —ainda por escavar— sito no pequeno planalto a sudoeste da povoação de Malveira da Serra, refira-se, de modo particular, a posição estratégica e o achamento de uma laje, o chamado «tacho de pedra» onde, no lugar, se empilhavam as seiras. Do outro, sobranceiro ao fertilíssimo vale de Caparide, a quantidade de fragmentos cerâmicos identificados à superfície dos terrenos de lavoura e a extensão por que se espalham sugere que estaremos perante um dos mais notáveis sítios arqueológicos romanos do concelho.

Caparide

Em torno do vale da Ribeira de Caparide os vestígios romanos abundam. Já foram identificados pavimentos em mosaico e aguardam-se condições favoráveis para se proceder aí a uma prospecção cuidada. O topónimo deriva, como se sabe, do colectivo latino tardio *capparitus*, formado a partir do nome comum de etimologia grega, *kápparis*, «alcaparra» (Encarnação & Cardoso 1981-1982) —o que denuncia a existência de uma produção hortícola desenvolvida.

Casal do Clérigo

Casal do Clérigo, localizado numa fértil planície entre Carrascal de Manique (donde procede uma ara votiva) e a actual povoação de Trajouce, arrisca-se a ser igualmente uma assinalável *villa*, sobretudo se tivermos em conta também a quantidade de materiais arqueológicos visíveis pelo terreno, a circunstância de ali se terem encontrado lápides funerárias e de lhe passar ao lado a antiquíssima estrada real que ligava a Sintra.

Outeiro

A *villa* do Outeiro é de pequenas dimensões; goza de posição privilegiada sobre uma colina, bem perto de grande afloramento basáltico. Também dela está

em curso o processo de classificação como imóvel de interesse público pois, resultantes de meras recolhas de superfície, daí provieram mais de duas dezenas de pesos de terar e tijolos de quadrante para colunas.

3. FREIRIA

Não valerá a pena repetir o que ainda recentemente (Cardoso & Encarnação 1991) escrevemos sobre esta *villa*⁶.

De média dimensão, moldada segundo as sábias prescrições de Columena, a *villa* de Freiria poderá, na verdade, representar um caso típico, justamente porque foi possível proceder á sua escavação sistemática, dando prioridade às *partes rustica e fructuaria*.

Apesar de ainda a não termos escavado na totalidade, podemos desde já afirmar que a *domus* se articula em torno de um peristilo dotado de pequenos tanques de caprichoso recorte, sem prejuízo de um pequeno átrio, a noroeste, constituir também um segundo núcleo de vivência. O pavimento assentava directamente sobre a laje natural e o leve declive do terreno era vendido pela existência de breves degraus. Compartimentos mais nobres seriam pavimentados a mosaico polícromo (de desenho geométrico o único que, até ao momento, identificámos *in situ*). Pela graciosidade do capitel de tipo coríntio que encontramos intacto e pela sóbria, mas interessante, decoração geométrica dum dos lintéis, poderemos ajuizar do ambiente requintado em que o proprietário desejaria movimentar-se diariamente.

Da zona termal —salvo se algo mais encontramos para poente— pouco se pôde salvar. Situada a sudeste da *domus*, dela nos restam, por enquanto, dois dos tanques do *frigidarium* cum a respectiva rede anexa de canais de abastecimento e de saneamento; a zona do *praefurnium* e, já paticamente desfeito, o sítio das banheiras semicirculares ervidas pelo hipocausto.

Para nascente da *domus*, situa-se o lugar de azeite, tendo *in situ* o peso do sarilho (*sucula*) que prendia a trave do *prelum*. Adivinha-se, pela extraordinária compacidade da plataforma que lhe fica adjacente, para poente, que ali se teria localizado a prensa (*torcular*), devendo o madeiro apoiar-se do lado nascente. Dois pequenos tanques revestidos a *opus signinum*, exterior e interiormente, e dotados de uma concavidade central destinaram-se-iam à recolha do azeite.

Pode quase dizer-se que, no actual momento da pesquisa, o celeiro (*borreum*) ocupa o centro da propriedade. E talvez essa posição central não venha a alterar-se, até porque poderá corresponder, de facto, a uma intenção. Construído, também ele, segundo os modelos clássicos preconizados pelos agrónomos —em lugar seco e arejado, com alicerces cuidados em jieto de caixa de ar para evitar infiltrações da humidade, parimentado a lajes e coberto de colmo, progetido dos ventos norte por um redão que limta o pátio onde, decerto, se passeavam os gatos— o celeiro de Freiria impõe-se pelas suas dimensões (ocupa cerca de 160 metros quadrados). De resto, em determinada altura, ele teve de ser acrescentado, para ver aumentada a sua capacidade.

O celeiro ocuparia o lado direito (nascente) do grande acesso principal da *villa*. Situamos, de cada lado, à entrada do portão, os dois bebedouros para os animais.

6. Sobre a campanha de 1992 na *villa* romana de Freiria, cf. a brevíssima nota que inserimos no n.º 1 (II série), Dezembro 1992, da revista *Al-madan* (p. 93).

Do lado sul fica outro lagar, também ele de consideráveis dimensões. A *villa* assumia-se, desta sorte, como um centro de armazenagem e de transformação dos produtos agrícolas dos arredores, quer provenientes de terras próprias quer de arrendatários ou mesmo de produtores independentes que se poderiam servir —como ao longo dos tempos sempre aconteceu até à actualidade— do lagar daquele senhor. Lagar de vinho ou lagar de azeite? Falta-nos aperfeiçoar a análise das várias remodelações sofridas pelo edifício; falta-nos compulsar pacientemente bastante bibliografia para optarmos (se é que é possível) entre as duas funcionalidades. Na verdade, se a zona de combustão, no canto sudoeste da grande sala, sugere o local para a chamada «cozedura» do azeite ou para o aquecimento da água, o longo e estreito tanque de decantação que se dispõe obliquamente no interior dessa mesma sala induz-nos a pensar de preferência em operações de prévia fermentação relacionadas, portanto, com os processos vinícolas. A questão fica, portanto, em aberto.

Serve a *villa* abundante e —até há bem pouco tempo— excelente (em qualidade) caudal de água que brota dum fenda da rocha, no pequeno vale a sul. Aí se situa um tanque-represa, com onze metros de comprimento, 2,40 m. de largura e uns 70 cm. de altura. Poderá ter servido de *natatio*, ilustrando na antiguidade uma plurifuncionalidade ainda hoje patente em algumas quintas dos arredores de Lisboa, mas decerto que a sua função primordial foi a de reter as águas para irrigação de hortas e para o gado.

4. A ACTIVIDADE ECONÓMICA

Já deixámos antever em quanto atrás fica dito quais as actividades económicas a que se dedicavam os habitantes de Cascais durante a época romana. Sintetizemo-lo agora, de forma mais sistemática⁷.

Ocupou lugar de destaque a produção cerealífera, aprovietando, como se disse, a excelente qualidade dos solos, só comparável em produtividade à dos chamados «barros vermelhos de Beja», também eles altamente aproveitados na época romana. São disso prova o celeiro de Freiria —a pôr em paralelo, como também já se disse, com o que Enrico Cerrillo Martín de Cáceres identificou em Monroy (1984, 100-102)— e a grande quantidade de mós (*mola manuaría*) achadas em praticamente todas as *villae*.

A olivicultura está, igualmente, em lugar cimeiro. De resto, aliada ao achamento de vários pesos de lagar romanos —para além do de Freiria— está a circunstância de abundarem ainda hoje na paisagem os zambujerios e a ocorrência de topónimos como Zambujerio e Zambujal. Já tivemos ocasião de salientar a importância desta produção na comunicação que, a propósito de alguns tipos de ânforas romanas identificadas no concelho de Cascais, apresentámos, de parceria com João Cabral e Severino Rodrigues, às I Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado (Seixal, 13-15/12/1991), a publicar nas respectivas

7. Como já anotámos, as conclusões a que chegámos não diferem em muito —nem poderiam diferir— daquelas a que José Cardim Riberio chegou para toda a zona ocidental do município olisiponense: cf. a série de artigos que, sob o título genérico «Romanização o romanidade na 'zona V' do município olisiponense», publicou no *Jornal de Sintra* de 27/10/1989 a 23/3/1990; veja-se, de modo especial, o capítulo 4.2 (aspectos económicos e da vida quotidiana) desenvolvido a partir de 2/2/1990.

actas. Aí nos referimos, inclusive, ao papel que poderá ter tido o olisiponense *M. Cassium Sempronianus*, conhecido *diffusor olearius* ou seja, intermediário no comércio do azeite. De que azeite era ele o *diffusor*? —acaso se poderá perguntar. Do da Bética ou do da península de Lisboa? Ao certo, não o sabemos. Se calhar, era-o dos dois⁸.

A vitivinicultura seria, também, ocupação dominante, mesmo que não consigamos provar que o lagar sul de Freiria se destinou primordialmente à produção de vinho. E que importa não esquecer as excelentes condições do sitio para a produção vinícola, ainda hoje comprovada pela existência de um famoso vinho generoso, o Carcavelos.

Os dois bebedouros da *villa* de Freiria prendem-se directamente com a criação de gado, mormente de gado vacum, caprino e ovino (de resto, ainda hoje tradicional na região). Para além de fonte de alimentação, os animais forneceria couros e lã, matérias-primas essenciais para as indústrias dos curtumes e dos têxteis. Já a essa problemática nos referimos de modo especial quando discutimos a utilização das tinhas de Casais Velhos e Cidreira. Acrescente-se agora a menção à presença constante de variados pesos de tear, do já referido separador de tear (no Alto do Cidreira) e, sobretudo, da enorme variedade de agulhas, designadamente em Freiria, com um ou dois furos, com furo e ranhura, redondas, achata-das, de osso ou de bronze, destinadas certamente a uma pluralidade de usos. Registe-se, ainda, como nota importante, a circunstância de figurarem no espólio de uma das sepulturas de Casais Velhos uma espicha e uma agulha de bronze, símbolos decerto da actividade desenvolvida pela defunta.

Como também já tivemos ensejo de salientar (Cardoso & Encarnação 1991, 20), a identificação de um depósito de matéria-prima para a preparação de *opus signinum* num dos corredores da *domus* senhorial de Freiria bem como a grande quantidade de cal em dra amontoada junto ao lagar sul comprovam a ideia, já de há muito sugerida, que era no próprio local que se preparava boa parte dos materiais utilizados para a construção. Nas sondagens rápidas e incompletas a que fomos forçados a proceder no Casal da Lobeira, perto da povoação do Libramento (freguesia do Estoril), um outro dado se nos afigurou passível de estar doravante presente nas nossas investigações. E que o sitio —possivelmente uma *villa* também de finalidades primordialmente agrárias (provêm daí duas mós)— poderia ter tido como fonte de riqueza a exploração dos ricos filões de ocre vermelho e amarelo que lhe ficam ao pé. Não nos foi possível confirmar —porque as obras da auto-estrada todo haviam revolvido— se as galerias abertas no solo poderiam, ou não, remontar à época romana, o que, diga-se de passagem, também seria particularmente difícil mesmo em circunstâncias normais. De qualquer modo, tratava-se de uma exploração antiga e a proximidade de vestígios duma *villa* levou-nos a formular esta hipótese —que carece, evidentemente, de outros termos de comparação que porventura a venham ratificar.

8. Referimos, nesse apontamento, os trabalhos mais recentes sobre este assunto e, designadamente, sobre *M. Cassius Sempronianus* inseridos no volume de homenagem a Robert Étienne (*Revue des études Anciennes* 88, 1986): «A propos de Marcus Cassius Sempronianus Olisiponensis, *diffusor olearius*», de Marie-France Loyszance (pp. 273-284); e «L'huile de Bétique sur un itinéraire annonaire», de Patrick Le Roux (pp. 247-271). As opiniões aqui expendidas por este último autor foram recentemente criticadas por José Remesal Rodríguez: «Sextus Iulius Possessor en la Bética», *Alimenta* (Estudios en homenaje al Dr. Michel Ponsich), Gerion, Anejos III, Madrid, 1991, 281-295.

5. A CULTURA

Quem são gentes que, ao tempo dos Romanos, vivem neste território?

Os dados colhidos nos poucos epitáfios e nos demais monumentos epigráficos até agora documentados no concelho apontam para uma precoce aculturação onomástica. Persistem alguns cognomes etimologicamente préromanos mas, a par da pertença à tribo Galéria (de Olisipo), os gentilícios representados ou são *Iulius* ou trazem ecos doutras paragens que não peninsulares (Lopez & Encarnação 1991). Sirva-nos de exemplo a dedicante da ara à divindade indígena *Ara-cus Arantus Niceus* que se identivia com o gentilício em sigla, cognome bem latino e o patronímico no final e à maneira indígena inclusive sem a menção *filia: I(ulia) Maxuma Auvi*.

Prestam culto divindades indígenas, às quais eventualmente erigem santuários ou destinam um local sagrado para celebração dos seus mistérios (cf. Encarnação 1985-1986). E o que se passa com *T. Curiatius Rufinus*, decerto um descendente de colonos (dado ostentar um clássico gentilício alheio à Península Ibérica e um cognome que, embora latino, é mui corrente em Olisipo) que oferece um altar a *Triborunnis*, seguramente um númen de carácter pré-romano, a pôr em paralelo com os teónimos *Trebaruna* e *Trebaronna* que identificarão seguramente a mesma divindade mediante designações parecidas (Encarnação 1985).

Utilizam como monumento funerário as cupas estilizadas, com inscrição no topo; os cipos de ampla conotação honorífica que viram nas suas cidades de origem; ou as altas estelas de topo arredondado que também constituem uma reminiscência itálica. Um dos proprietários de Freiria inspira-se na escultura local —ou aproveita uma pré-existente— e faz dela uma carranca para, em jeito de «*Cave canem*», a pôr sobre um dos pilares do seu portão. Do outro lado, quiçá, o quadrante solar que encontrámos quase completo e que fora encomendado expressamente para aquele local. Uma preocupação estética, sem dúvida; mas também a implantação de uma carta disciplina, de uma compassada ocupação do tempo, de uma regrada organização do trabalho —tudo índices, portanto, de uma cultura já avançada.

Afinal, a sensação que nos fica ao vermos como esta gente se identifica e os rastros que de si quis deixar é a de que, sendo cidadãos romanos na sua maior parte, bem instalados no terreno e na vida, não parece que tenham vivido, aqui, demasiadamente à sombra do empório comercial que OLisipo cedo se terá constituído. Talvez Olisipo mais dependa das *villae* do que os seus proprietários dependam da cidade.

Residências secundárias de quem vive a maior parte do tempo em ambiente urbano também não parecem ser⁹.

Sentimos —talvez seja este, quiçá, um sentimento hodierno e não romano— que se vive relativamente junto à cidade mas, no fundo, independentemente dela.

9. Recorde-se, a este respeito, o que preconiza Columela no que concerne à rendibilidades da *villa*: os proprietários que se deixam seduzir pelos prazeres da vida citadina têm tendência a abandonar as suas *villae* aos escravos, que «mais pensam em pilhá-las que em as cultivar. Só as explorações em redor das *villae* suburbanas que o senhor pode visitar todas as tardes não sofrem em demasia com as suas ocupações na cidade» (Etienne 1978/1979, 210).

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, GUILHERME: *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*, Cascais, 1991.
- CARDOSO, GUILHERME e ENCARNAÇÃO, JOSÉ D': «Cascais no tempo dos Romanos», *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa* 1, 1990, 59-74.
- CARDOSO, GUILHERME e ENCARNAÇÃO, JOSÉ D': «Certezas e incertezas no estudo da *villa* romana de Freiria», *Arquivo de Cascais* 10, 1991, 15-26.
- CROISILLE, JEAN-MICHEL: *Poésie et Art Figuré de Néron aux Flaviens (Recherches sur l'Iconographie et la Correspondance des Arts à l'Epoque Imperiale)*, II, Université de Lille III, 1978.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D': «Os Diálogos do Sítio de Lisboa de Luís Mendes de Vasconcelos», *Oli-sipo*, 125-126 (Janeiro-Junho 1969), 37-51.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D': «Ara votiva de Cascais», *Ficheiro Epigráfico* 6, 1983, n.º 24.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D': «Ara votiva a Triborunnis», *Ficheiro Epigráfico* 14, 1985, n.º 59.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D': «Omissão dos teónimos em inscrições votivas», *Veleia* 2-3, 1985-1986, 305-310.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D': «Um elogio político: Cascais visto por Frei Nicolau de Oliveira», *Arquivo de Cascais* 6, 1987, 85-97.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D' e CARSO, GUILHERME: «Caparide ao tempo dos Romanos. Uma inscrição inédita», *Arquivo de Cascais* 3, 1981-1982, 87-95.
- ÉTIENNE, ROBERT: «Production vinicole et esclavage chez Columelle», *Index* 8, 1978/1979, 206-213.
- HENTZ, GUSTAVE: «Terre et paysans de l'Italie de I^{er} siècle après J.C. vus par un grand propriétaire-exploitant: Columelle», *Ktema* 1, 1980, 151-160.
- LOPES, MARIA DA CONCEIÇÃO e ENCARNAÇÃO, JOSÉ D': «Epitáfio romano achado em Tornada (Caldas da Rainha)», *Ficheiro Epigráfico* 37, 1991, n.º 170.
- MARTÍN DE CÁCERES, ENRIQUE CERRILLO: *La vida rural romana en Extremadura*, Cáceres, 1984.
- NOLEN, JEANNETE U. SMIT: «A *villa* romana do Alto do Cidreira (Cascais). Os materiais», *Conimbriga* 27, 1988, 61-140.
- REAL, FERNANDO: «Esboço geológico e paleogeográfico do concelho de Cascais», *Um Olhar sobre Cascais a través do Seu Património*, I, Cascais, 1989, 67-83.
- SEQUEIRA, EUGÉNIO MENEZES: «Cascais e o seu património natural», *Um Olhar sobre Cascais a través do Seu Património*, I, Cascais, 1989, 47-66.
- VASCONCELLOS, JOÃO DE CARVALHO E: *Vegetação Natural do Concelho de Cascais*, Cascais, 1964.
- ZBYSZEUSKI, GEORGES: *Resenha Geológica do Concelho de Castais*, Cascais, 1964.

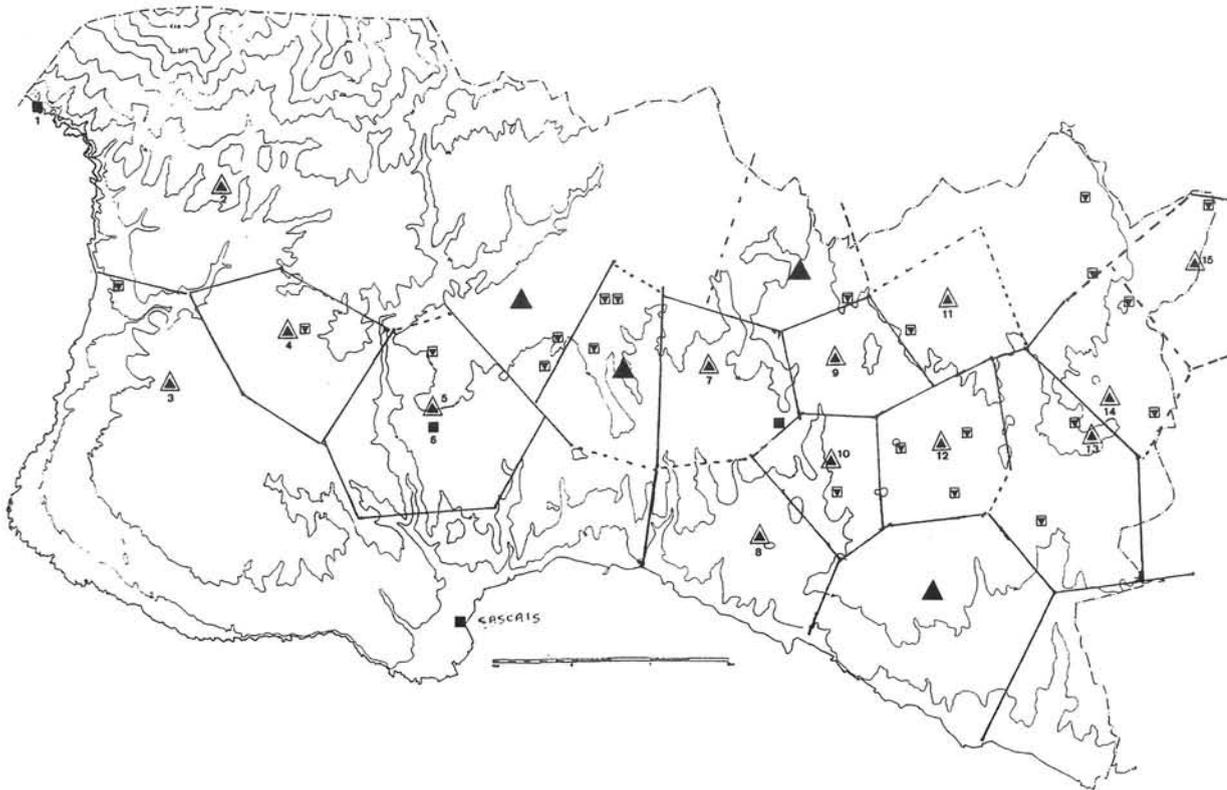


Fig. 1. 1. Espigão das Ruivas; 2. Miroiços da Malveira; 3. Casais Velhos; 4. Vilares (Aldeia de Judo); 5. Alto do Cidreira; 6. Bom Sucesso; 7. Zabrizes; 8. Alapraia; 9. Miroiço; 10. Caparide; 11. Casal do Clérigo; 12. Tires; 13. Outeiro; 14. Freiria; 15. Talaíde.

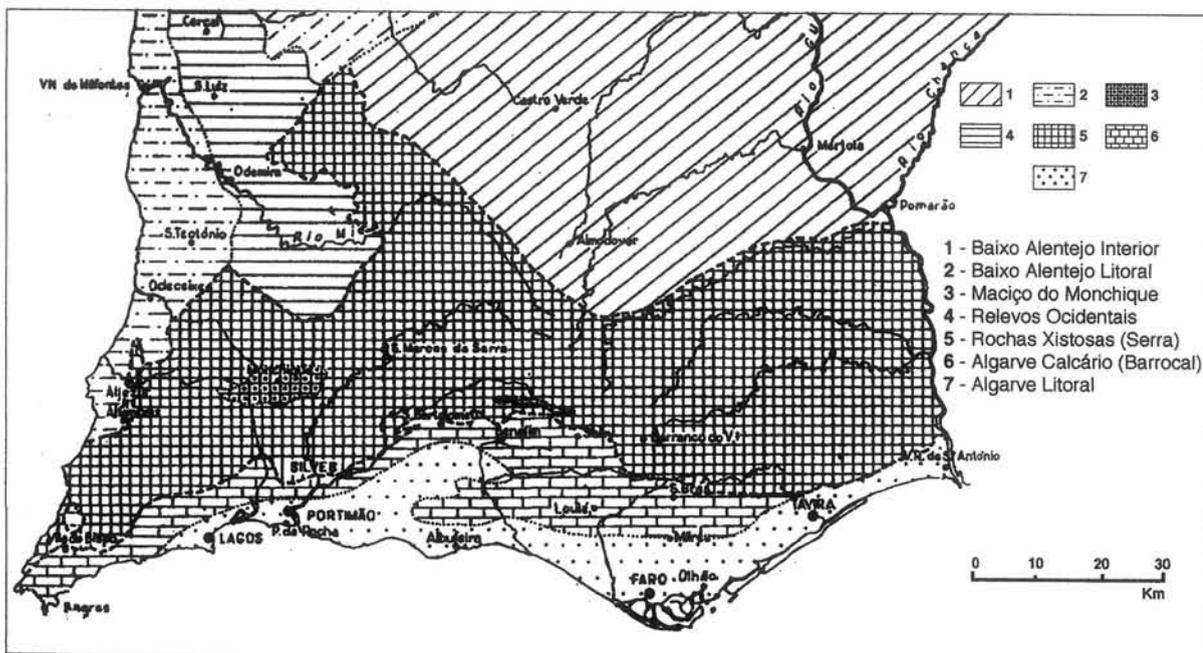


Fig. 2. Planta da area escavada do Alto do Cidreira; piso térreo da somus e zona termal (desenho de Severino Rodrigues).

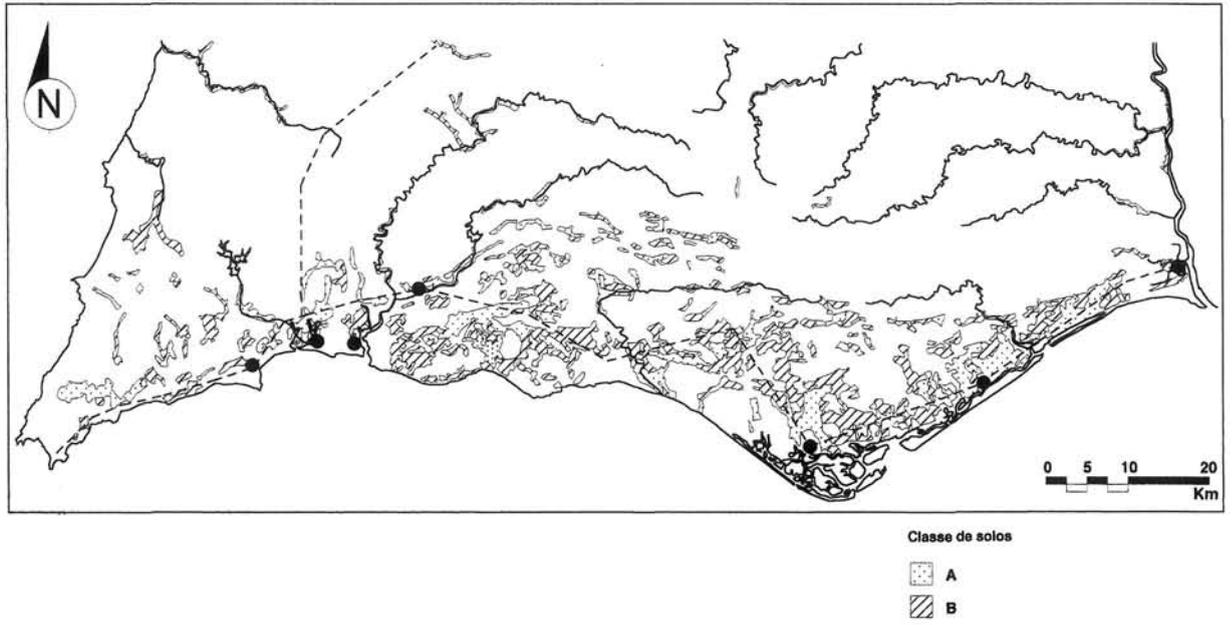


Fig. 3. O lagar sul da villa de Freiria (desenho de Severino Rodrigues).

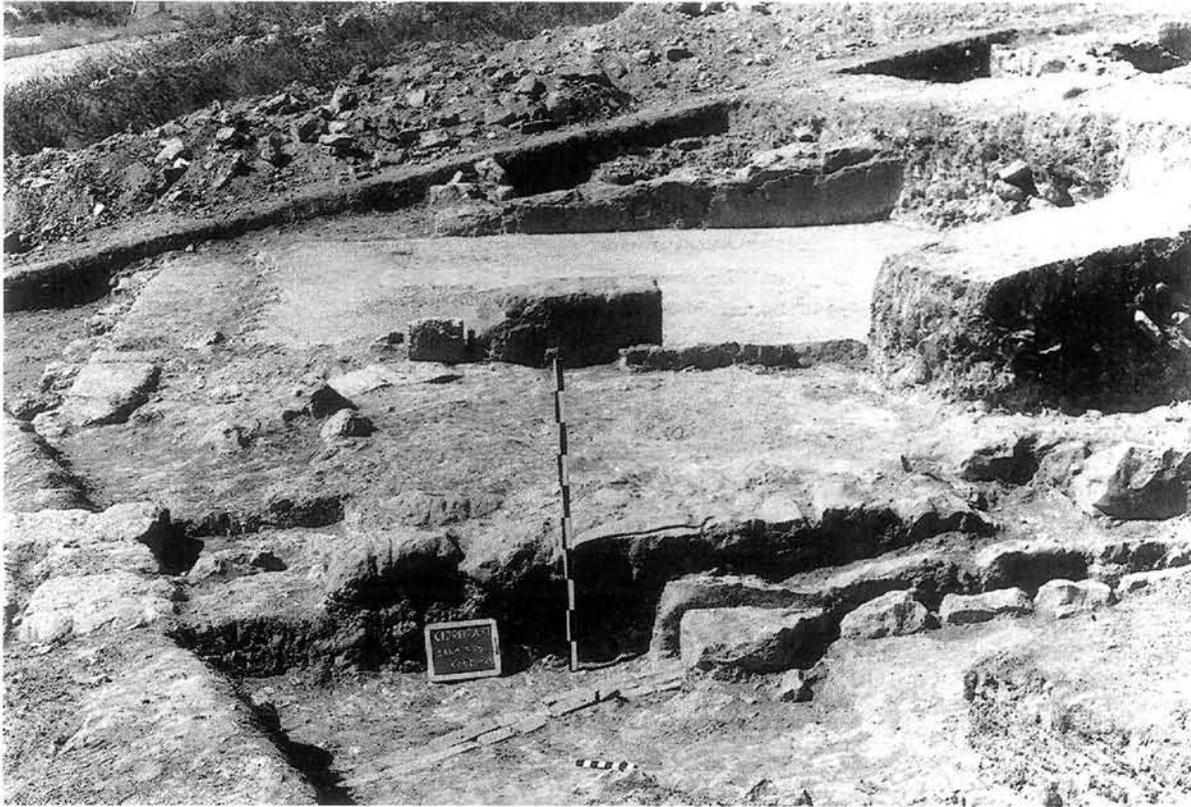


Fig. 4.1. Vista parcial (de nascente para poente) da villa do Alto do Cidreira.



Fig. 4.2. Panorâmica do lagar de azeite da villa de Freiria, vendo-se os tanques, a zona de apoio da prensa (a direita) e o peso do sarilho mais além.



Fig. 5.1. *Peso de lagar* proveniente dos Casais Velhos (em exposição no museu dos condes de Castro Guimarães, em Cascais).

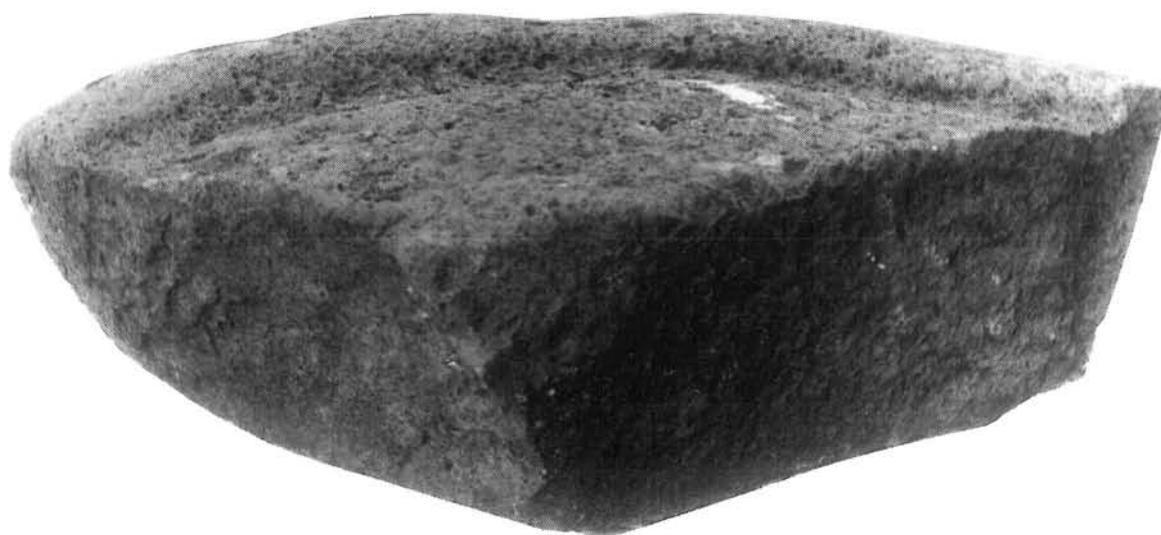


Fig. 5.2. «Tacho de Pedra» para assentamento das seiras em lagar de azeite, procedente da villa de Miroiços da Malveira.



Fig. 6.1. *Lintel decorado procedente da domus senhorial da villa de Freiria.*



Fig. 6.2. *Mós em exposição no museu dos condes de Castro Guimarães, em Cascais, provéem (da esquerda para a direita); de Freiria, do Outeiro e do Casal da Lobeira (as duas últimas).*